

DIARIO DE PROCESSO



ESTUDO VERTICAL | ASSOCIACAO ESCOLA DA CIDADE | 2016

PARAISOPOLIS

ANA BEATRIZ • ANA CAROLINA • CAROLINA BOSIO • MARILIA SERRA • VICKY BERL

ORIENTADOR: EDUARDO COLONELLI



A P R E S E N T A Ç Ã O

“**Subtração e adição**” foi o tema proposto pela disciplina Estudio Vertical do primeiro semestre de 2016. Após discussões, pesquisas e análises o grupo elegeu como recorte desse tema as cidades informais. Esse tipo de urbanização constituía um desafio para todos os integrantes do grupo, uma vez que não fora foco de estudo até então. Assim, a compreensão dessas “cidades”, tão presentes no contexto urbano contemporâneo, podiam trazer entendimentos sobre o papel do arquiteto e suas atuações num cenário em constante transformação. Para tanto, escolhemos Paraisópolis, uma das maiores cidades informais em São Paulo, para a realização desse estudo.

Em uma primeira análise, percebemos que para abordar um tema tão complexo, apenas o conhecimento prévio não era o suficiente. O trabalho demandava um estudo de campo para a aproximação dessa “cidade informal”. Concomitantemente as visitas, foi realizado estudos bibliográficos, entrevistas com arquitetos Maria Teresa e Fernando, além das recomendações organizadas pelo orientador, Eduardo Colonelli. Esse conjunto de atuações permitiu uma maior compreensão da dinâmica, funcionamento, estrutura e principalmente, urbanização do local.

O processo se deu em basicamente em três etapas:

a) **Levantamento de dados** que constituiu em visitas a Paraisópolis, registros (fotográficos, desenhos, escritos), observações da paisagem urbana e leituras bibliográficas.

b) A partir da **organização e análise dos dados coletados** foi realizado um estudo para a elaboração de um projeto urbanístico buscando os espaços públicos e suas possíveis conexões. Para a execução desse projeto foi delimitado uma área menor estabelecendo relações com a condição de preexistência. Esses estudos preliminares foram submetidos a discussão com arquitetos, *Fernando Botton, Maria Teresa Cardoso Fedeli e Marina Grinover*.

c) O **Projeto final** integra um trabalho em uma escala maior (uma viela), na qual propõe um projeto arquitetônico específico para o local procurando o entendimento da atuação do arquiteto em uma área de preexistência de grande densidade.

O processo deste trabalho trouxe à tona a discussão sobre a importância do estudo de campo ampliado como fundamental para projetar a partir da preexistência e a compreensão do papel do arquiteto e seus limites de atuação só possíveis através da aproximação pessoal do profissional com o ambiente a ser trabalhado.

Esse “Diário de Processo” registra o desenvolvimento do trabalho sistematizado como um único produto.

P R O C E S S O

Etapa a) Levantamento de dados

A formação da cidade de São Paulo se deu de maneira rápida e descontrolada, assim como sua população que cresceu de forma desproporcional. Com o desenvolvimento e a consolidação destas cidades, não há mais espaço para a contínua expansão. Assim, a organização estrutural da cidade nem sempre segue de forma planejada e regular.

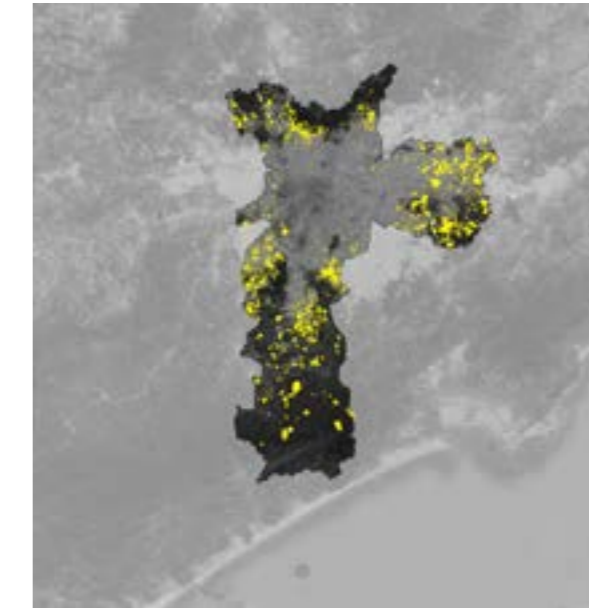
Há um descompasso entre a necessidade de crescimento da cidade de São Paulo e o seu planejamento urbano. Nos ritmos atuais e previstos de urbanização, a cidade informal está destinada a ser cada vez mais presente e mais ampla. A elaboração de um programa de edificação social que resolva o problema da grande quantidade de pessoas vivendo em situação irregular é quase uma idealização. Assim, o papel do arquiteto hoje é trabalhar em acordo com uma realidade preexistente. Para isso é necessário transformar as condições urbanísticas e sociais, enxergando e compreendendo a multiplicidade do local. A troca de conhecimentos e vivência entre essas áreas e seus habitantes é necessária para uma escuta apurada das necessidades da população e assim fundamentar a ação do arquiteto.

Olhando assim para a cidade de São Paulo com essas questões colocadas, nos deparamos com grandes áreas ocupadas de forma não planejadas e distintas entre si. Falar de preexistência nessa cidade é olhar para ela como um todo incluindo as áreas que se recusam a aparecer de forma definida, voltado portanto a preexistência informal, locais não estáveis, desregulamentado, com carências e colocando em discussão a questão da inclusão/exclusão.

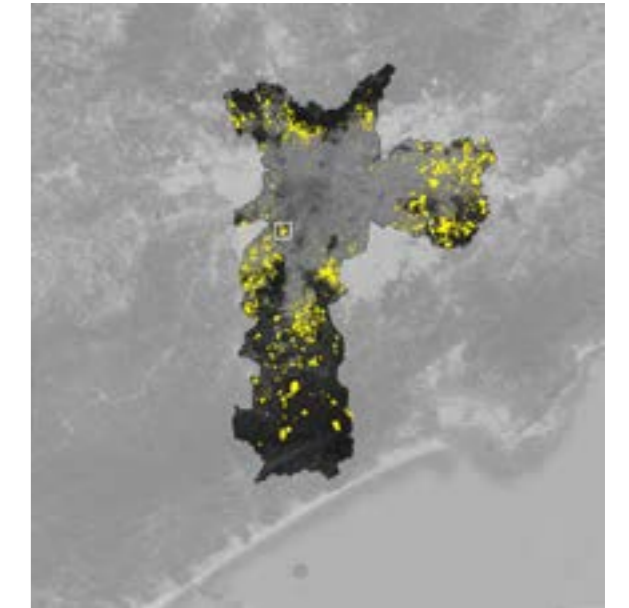
Na cidade de São Paulo 30% dos habitantes moram em áreas consideradas irregulares, desvinculados do que se chama "cidade formal". A favela de Paraisópolis é uma delas, ocupando 778.091,83m² da área total do município, é considerada a segunda maior favela da cidade de São Paulo, com cerca de 55.590 habitantes e 17.159 imóveis.



Mapa do Estado de São Paulo



Cidades Informais no Estado de São Paulo



Localização de Paraisópolis



Paraisópolis esta inserida em uma área de contrastes, onde seu entorno é uma região que possui habitações grandes e isoladas, portanto de baixa densidade, em oposição a Paraisópolis, em si, que possui densidade muito maior em relação ao terreno ocupado.

Dentro desse espaço extremamente denso e edificado, que a estrutura e organização já esta presente de alguma forma, observamos como a adição e subtração de componentes em uma cidade informal é algo muito complexo e delicado.

Já foram implantados diversos projetos urbanísticos a partir de Programas de Urbanização de Favelas em São Paulo, que buscavam a intervenções urbanísticas pretendendo transformar a favela em um bairro.

Levando em consideração alguns desses programas e analisando as problemáticas decorrentes desses projetos, optamos por seguir por um outro caminho de trabalho que nos levou ao questionamento da criação de um espaço público, um espaço aberto e quais os impactos que essa subtração necessária causaria nesse espaço tão denso.

Com a complexidade de um local como este e distante da nossa realidade, o contato mais aproximado é fundamental para uma melhor compreensão da dinâmica viva e presente.



Residências de Paraisópolis





“Sabado tem feira, domingo baile funk, todos os dias aqui é agitado... pode ser 15h ou 3h da manhã as ruas vão estar sempre cheias”

Berbela *Relato ouvido em Paraisópolis*





“Aqui é tranquilo, todo lugar tem gente boa e ruim, não é só daqui não, todo lugar tem, a maioria aqui é trabalhador”

Relato ouvido em Paraisópolis





" eu não moro eu me escondo"

Relato ouvido em Paraisópolis



A partir disso, iniciamos, atividade em campo na qual a observação ativa foi a principal método de trabalho utilizando diversos tipos de registros. A percepção da utilização das ruas como espaço de convívio nos chamou a atenção, além da grande densidade de edificações e informações visuais presentes no local.





*"de noite aqui é só mulecagem
passando e fazendo barulho, ai
eu do uns grito eles param logo"*

Dona Cissa, Relato ouvido em Paraisópolis

*"eu moro a 36 anos aqui, vi tudo isso crescer,
tudo era muito tranquilo, hoje é uma agi-
tação só"*

Relato ouvido em Paraisópolis





A princípio sabíamos que Paraisópolis precisava de muitas melhorias mas, o uso contínuo e diverso que a população atribuiu as ruas nos levou a priorizar nesse projeto o estudo e aplicação do espaço de convívio, existente no local, a Rua. É nessa área que a convivência e o relacionamento dos moradores acontece.



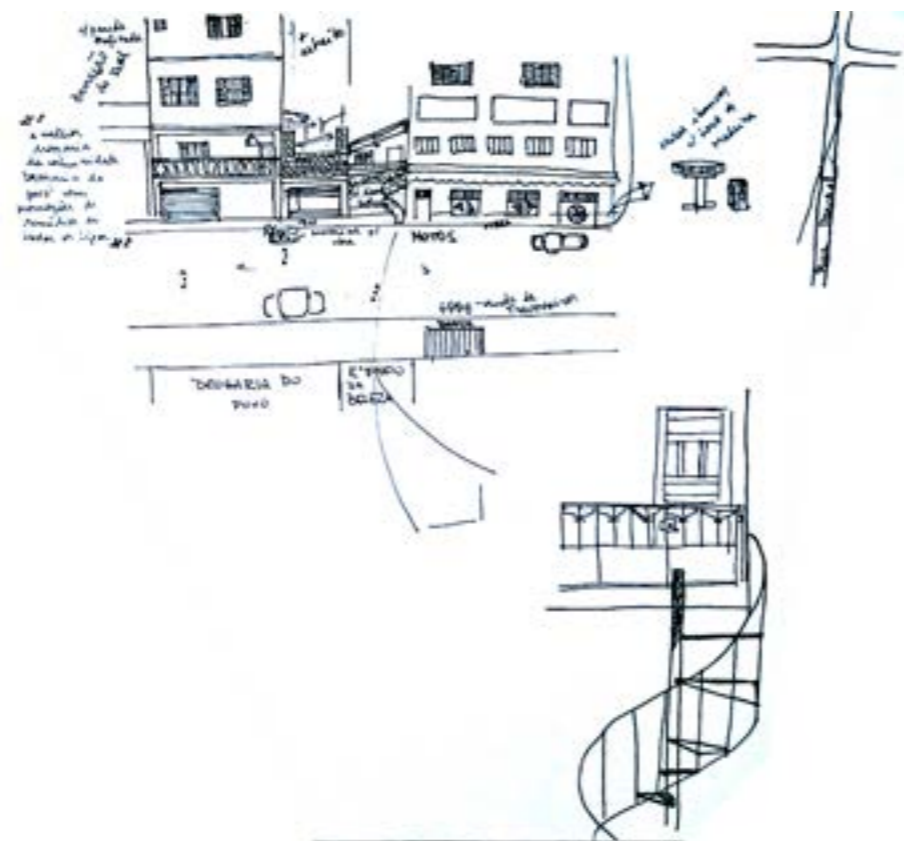


A partir da escolha de atuação, adentramos mais a fundo no local com novas visitas e análises. Assim observamos que a subtração nessa área era pertinente, uma vez que havia uma grande densidade física e uma necessidade de espaços vazios exclusivamente para a convivência.

O estudo se voltou na percepção da criação desse espaço e nos possíveis impactos causados por ele.

Em um contexto de cidade informal, todos os espaços disponíveis para a construção são essenciais, de modo que a maior quantidade de habitação seja construída. A subtração, nesse caso, deveria ser muito estudada a ponto de que o olhar da população para esse espaço criado seja de importância equivalente a uma habitação construída.





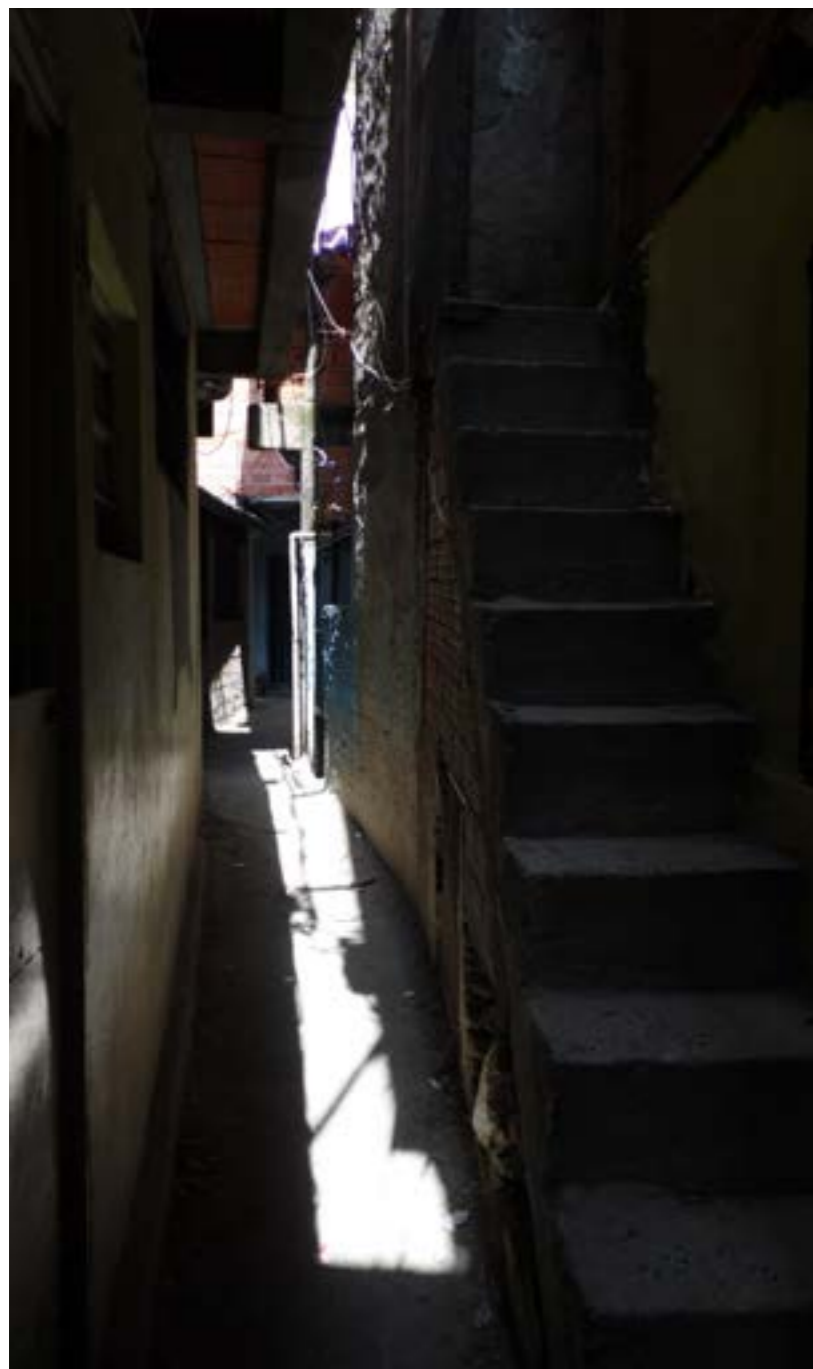
Nos atentamos a encontrar algum espaço subtraído já existente em Paraisópolis. O que percebemos é que a Rua, é o único espaço que sobra de área não edificada, desse modo é nela que as trocas, a convivência e o estar acontecem. Assim diferente de cidades formais, a rua se transforma em espaço público onde a passagem deixa de ser a principal atividade atuante.

Com o olhar focado, entendemos a complexidade do uso desse espaço, que divide: o **transportes** – motos e carro – , a **apropriação do espaço** para feira, baile funk, forró e o uso de **passagem e estar** das pessoas.

Identificamos variações entre as ruas existente, as **ruas principais**, tem um caráter de uso misto, com comércio no térreo, uma grande movimentação, tráfego intenso e apropriação diversa. Já as **ruas residenciais**, tem como principal propósito realizar ligações entre as ruas principais e as vielas. É a partir delas que é possível essa transição ao acesso as casas, consistem em um movimento mais particular. Por ultimo **as vielas** com usos mais restritos e particulares, possuem variações entre si, de acordo com a formação das edificações de a envolve.

Diante do estudo dos espaços públicos colocamos como pontos de análise algumas características encontradas no local, como as escadas, as janelas e portas, as calçadas, que compoem a paisagem das ruas de Paraisópolis.





"Aqui a gente mesmo vai construindo, vai chegando gente e vai subindo casa"

Relato ouvido em Paraisópolis







Para uma análise mais profunda escolhemos uma área definida dentro da grande Paraisópolis. Seleccionamos duas quadras nas quais identificamos essas diferentes escalas de vias (*rua principal, rua residencial e viela*) e onde esta presente as características ressaltadas que compõe as ruas de Paraisópolis. A partir da selecção da quadra modelo foi desenvolvido um mapeamento, o qual retrata as principais particularidades e características gerais apontadas nos levantamentos feitos nos estudos em campo.

Nesse mapeamento, representamos dentro do perímetro escolhido referências que nos guiavam ao adentrar em Paraisópolis e que criavam uma identidade do local.







Etapa b) organização e análise dos dados coletados

Diante de todo o levantamento de dados e questionamentos sobre Paraisópolis, para a *Segunda Etapa*, foi realizado um recorte ainda mais específico, no qual continuamos a trabalhar com a Rua e suas variáveis.

Passamos a atuar somente uma quadra, a qual foi entendido que retrata a complexidade de questões gerais de uma *cidade informal*, por tanto poderia ser usada como um exemplo de intervenção. Com um foco ainda maior nessa quadra e um aprofundamento da observação e relação obtidos nessa área, voltamos a nos questionar sobre a subtração no local. O cuidado a ser tomado ao lidar com a subtração e a adição na preexistência nos levou a um plano de projeto.

Criamos alguns parâmetros de definição do que poderia ser retirado, para ser substituído por uma área criada, que seria de grande contribuição para a quadra como um todo. Uma expansão e melhoria do espaço públicos e espaços coletivos em Paraisópolis era essencial. O projeto construiu uma preocupação de conexões entre as vielas e ruas principais, com a criação de áreas abertas valorizando a quadra e criando um plano integrado completo.

Para isso foi feito uma análise da quadra, identificando vielas que se conectavam, eixos principais que criavam rotas diretas no meio da quadra e áreas já existentes com potencial de alargamento e uso. Considerando essa análise foi projetado um novo grid para essa quadra, propondo áreas livres para uso exclusivo de convívio.

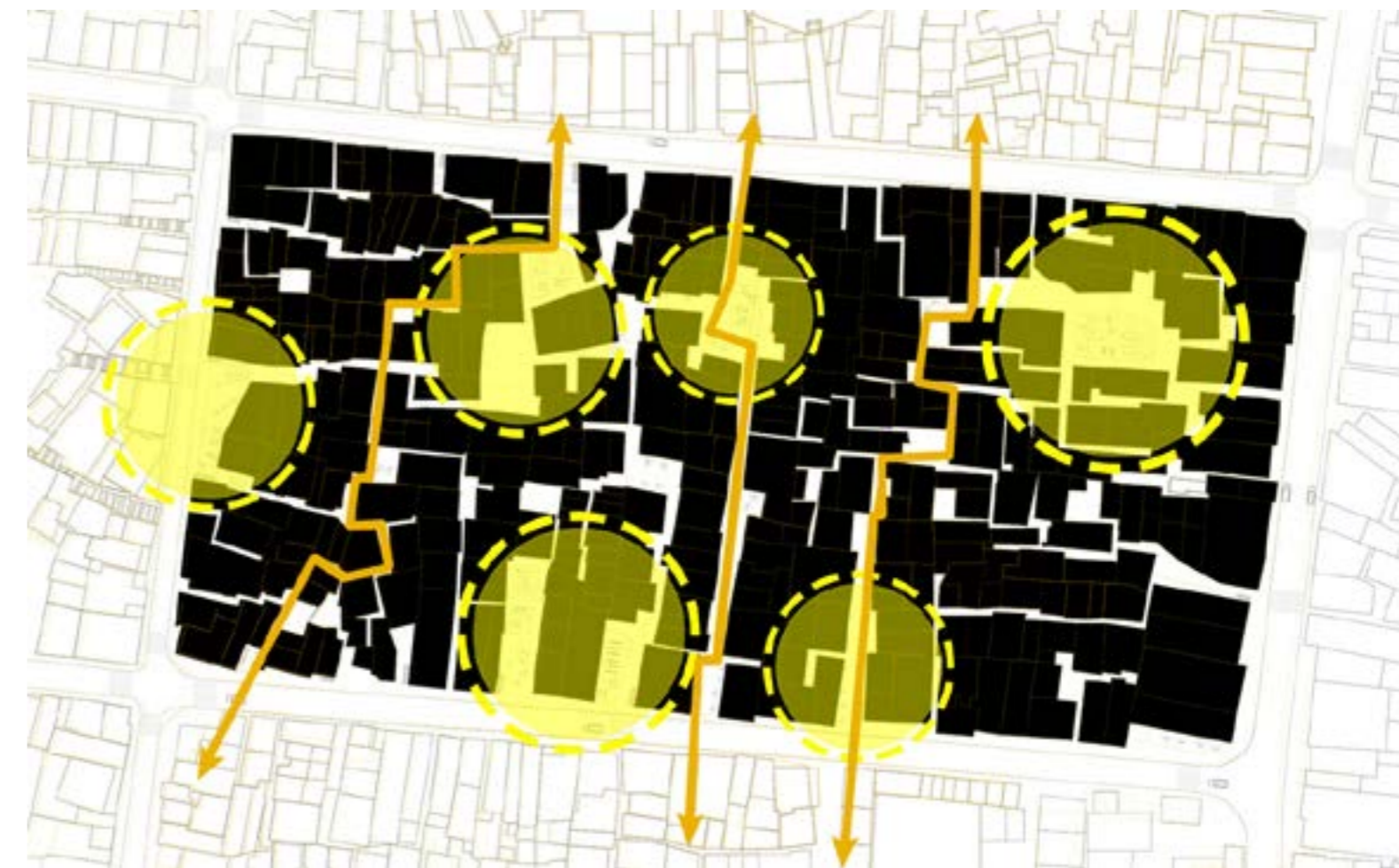


Diagrama de Análise da Quadra



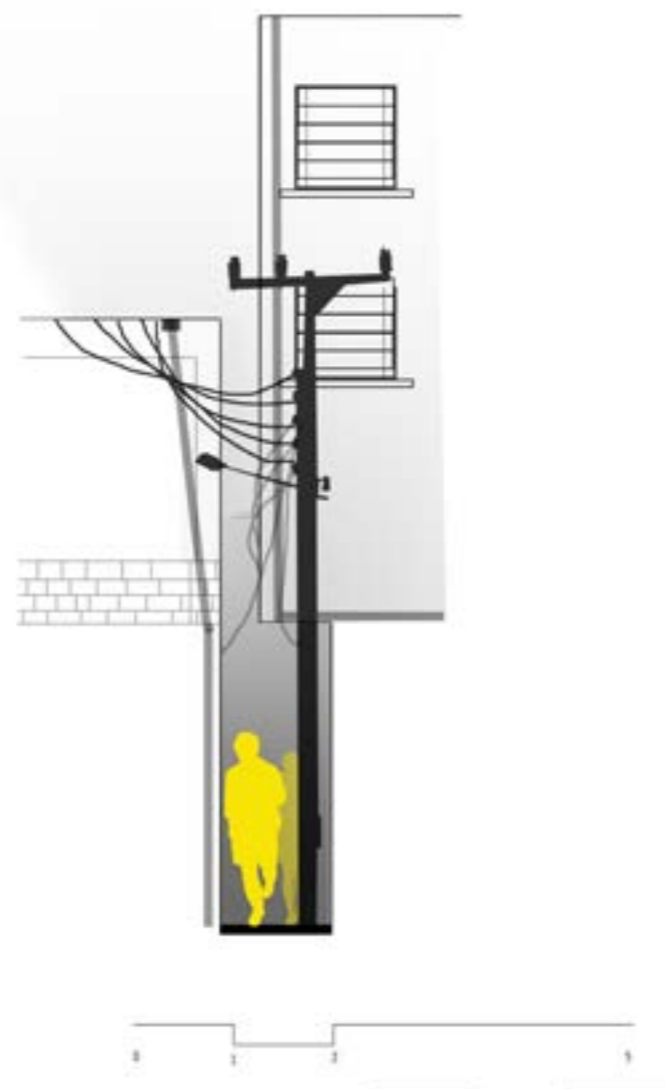
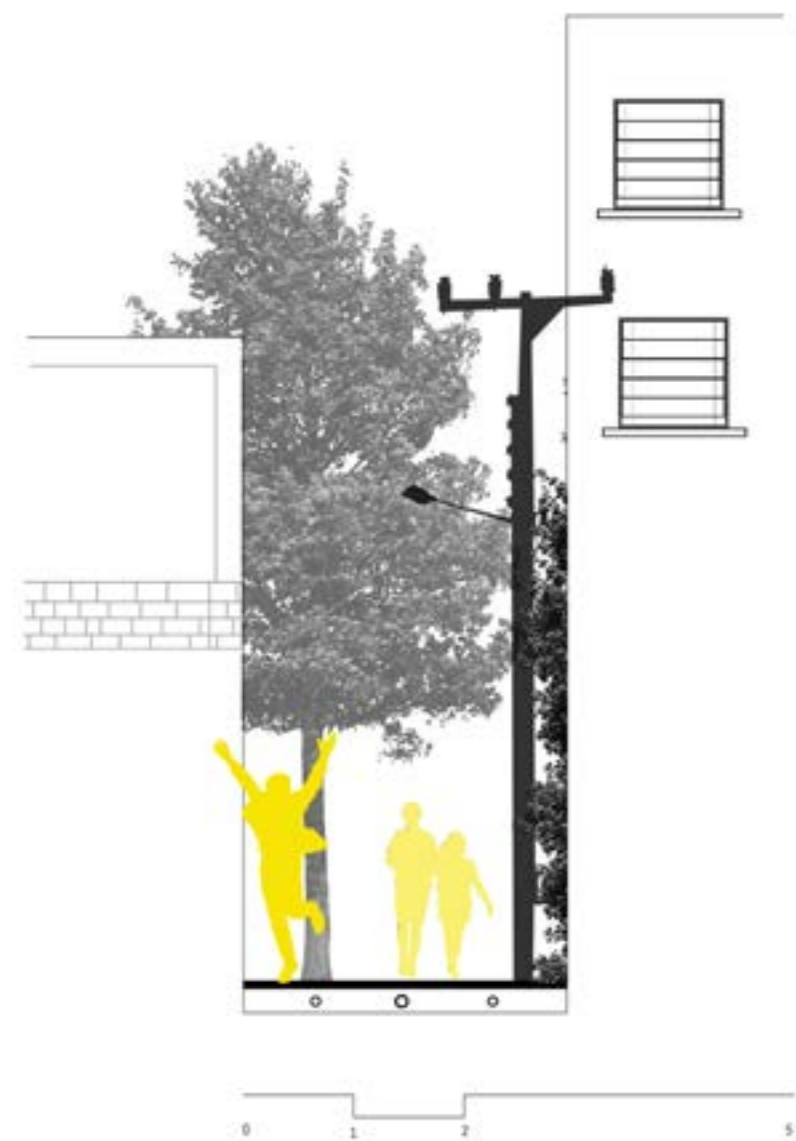
Análise de cheios e vazios da quadra: Atual



Análise de cheios e vazios da quadra: Projeto



Projeto da quadra



CITUAÇÃO DE PROJETO: Cortes



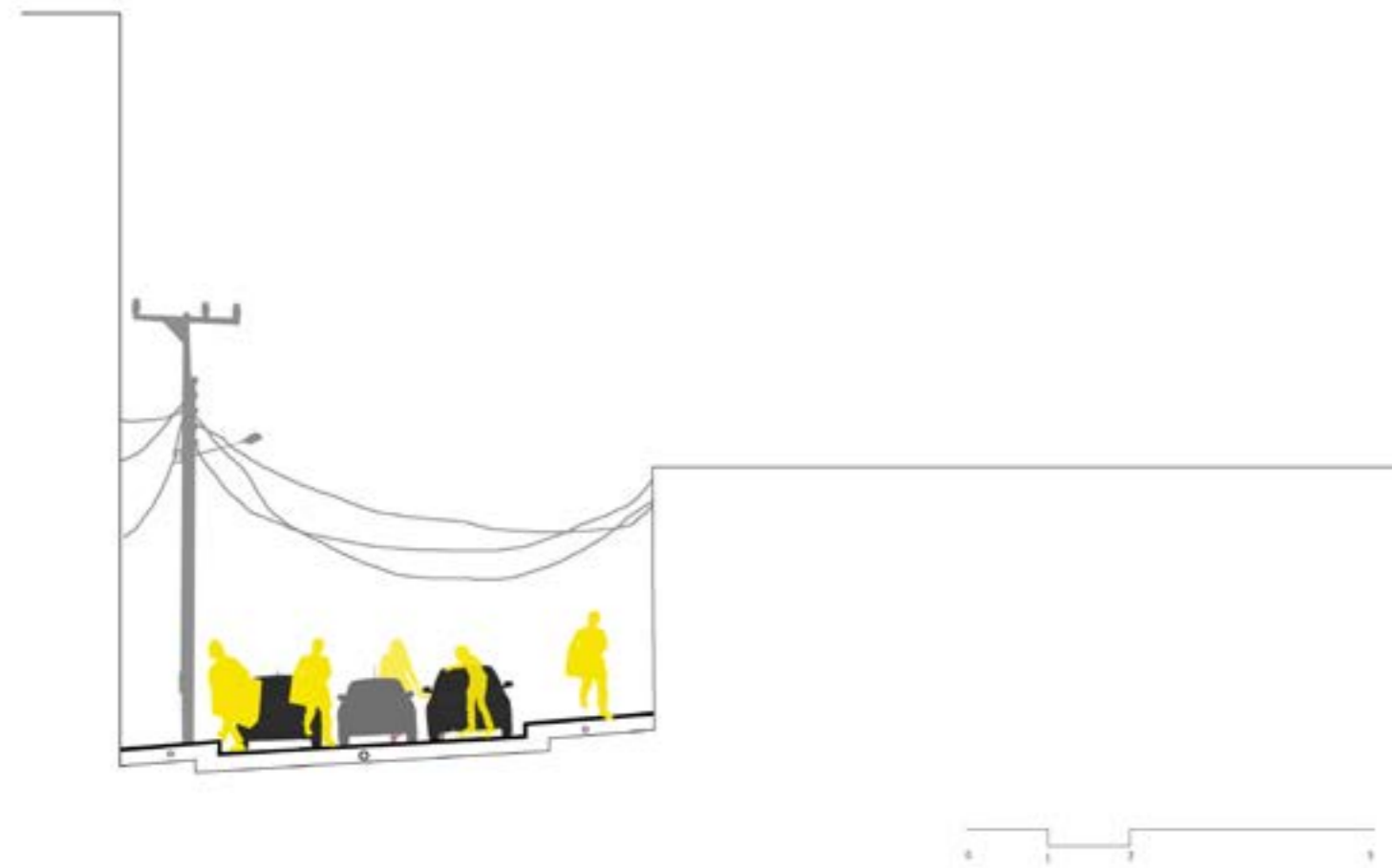
CITUAÇÃO DE PROJETO



CITUAÇÃO DE PROJETO: Cortes



CITUAÇÃO DE PROJETO



CITUAÇÃO DE PROJETO



CITUAÇÃO DE PROJETO



Incêndio destrói cem casas na favela de Paraisópolis

BRUNO RIBEIRO - O ESTADO DE S. PAULO

14 Maio 2016 | 22h 24 - Atualizado: 14 Maio 2016 | 22h 26

Fogo atingiu uma área total de 1.000 metros quadrados na comunidade da zona sul de São Paulo; segundo o Corpo de Bombeiros, não houve vítimas

SÃO PAULO - Um incêndio de grandes proporções destruiu neste sábado, 14, pelo menos 100 casas da favela de Paraisópolis, na zona sul de São Paulo, segundo as primeiras estimativas do Corpo de Bombeiros. Até as 22 horas, não havia informação sobre vítimas, e o trabalho de combate às chamas estava na fase de rescaldo.

O resgate chegou a socorrer um homem, que havia caído de uma laje, em local perto do incêndio, mas em caso não relacionado. Segundo a corporação, o fogo começou por volta das 17 horas, mas em cerca de três horas já estava em fase de controle. A expectativa, porém, era de que os trabalhos continuariam até a manhã deste domingo.

Ao menos 15 viaturas foram enviadas para o local e pelo menos 45 bombeiros trabalharam para combater as chamas. Eles chegaram rapidamente ao local, mas tiveram dificuldade em manobrar os veículos de grande porte dentro das ruas estreitas da comunidade.

Centenas de pessoas acompanharam, de diferentes pontos da favela, o trabalho dos bombeiros. De trás das fitas de isolamento, choravam diante da destruição. "Meu vizinho ficou jogando um balde de água (no fogo), gritando. Mas me deu desespero. Vimos que não ia dar tempo de tirar nada e saímos correndo", conta a dona de casa Fátima de Marco, de 54 anos.

A causa das chamas ainda seriam investigadas. Segundo os moradores, havia pelo menos duas possibilidades. Uns falaram que teria começado em uma lanchonete, outros, que partiu de uma das residências.

A noite de sábado costuma ser a mais agitada da semana em Paraisópolis, quando churrascos, cultos e festas ao som de carros ocorrem em diferentes pontos, simultaneamente.

Embora quase toda as casas atingidas fossem de alvenaria, os moradores contam que o fogo se alastrou rapidamente. Os bombeiros estimaram em 1.000 metros quadrados a área total atingida. A favela é uma das maiores de São Paulo e tem cerca de 100 mil habitantes.

Rápido. "Minha avó é um pouco surda e estava no segundo andar. Meu irmão correu e desceu com ela. A gente estava vendo TV quando ouviu o povo gritando. Foi tudo muito rápido", contou o instalador Leandro Araújo Davi, de 32 anos. Os moradores ainda não tinha ideia do estado de seus imóveis quando os bombeiros chegaram.

"Demorou demais, muito mesmo", reclamou. Quando as equipes começaram a trabalhar, os moradores foram orientados a se afastar.

Links Promovidos por Taboola

Como Parar De Roncar e Melhorar Sua Saúde
Ciência Na Vida

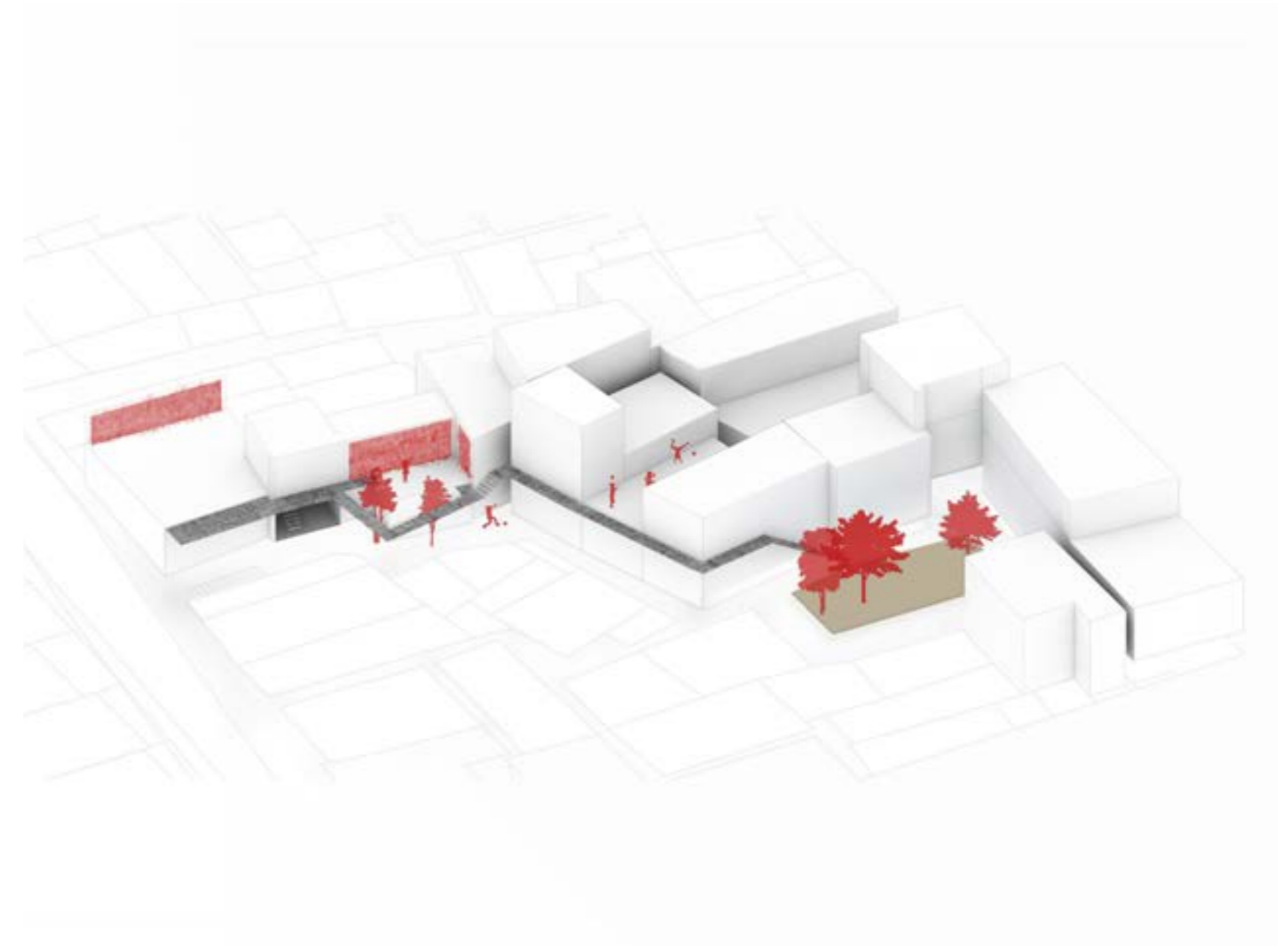


Etapa c) Projeto Final

Na terceira etapa, após passar por um processo de entendimento em uma escala macro de uma quadra, foi dado um foco maior em uma viela de nossa escolha. O direcionamento para apenas uma viela, veio de uma necessidade do grupo de trabalhar detalhadamente um local, e assim minuciosamente projetar considerando cada ponto visto e estudado durante todo o semestre de forma efetiva. Com o olhar orientado, foi identificada particularidade e necessidades específicas da viela.

Diante das experiências acumuladas durante o processo, o grupo decidiu criar novas diretrizes, as quais foi priorizado a permanência das moradias existentes.

Algumas características levantadas no recorte foram reconhecidas como traços comuns ao restante de Paraisópolis. Como proposta final, o grupo fez um projeto que enfatize as características analisadas da cidade informal, supra necessidades da viela trabalhada com foco no espaço público e no espaço de convívio coletivo, que fora estudado em todo o semestre.

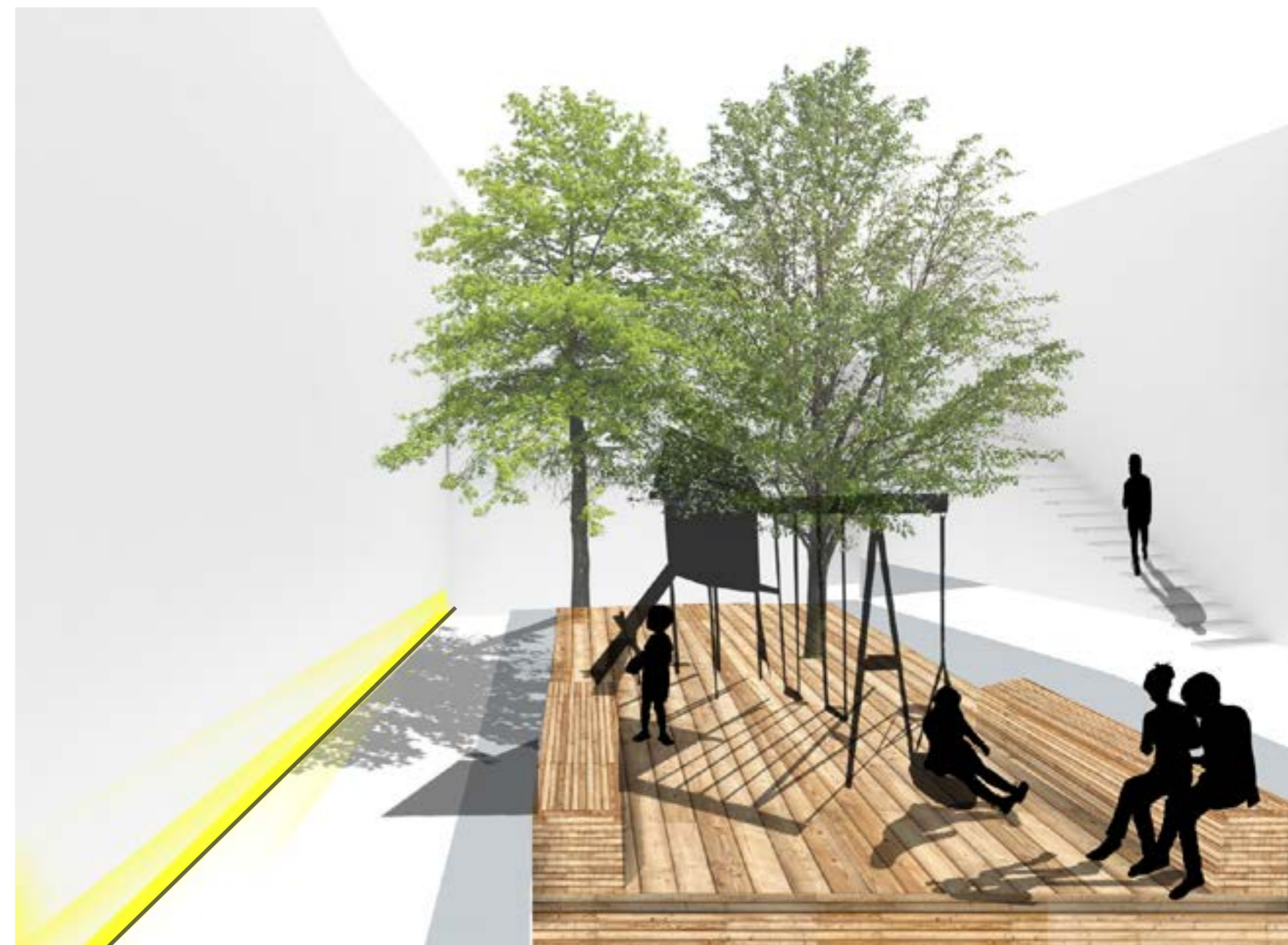


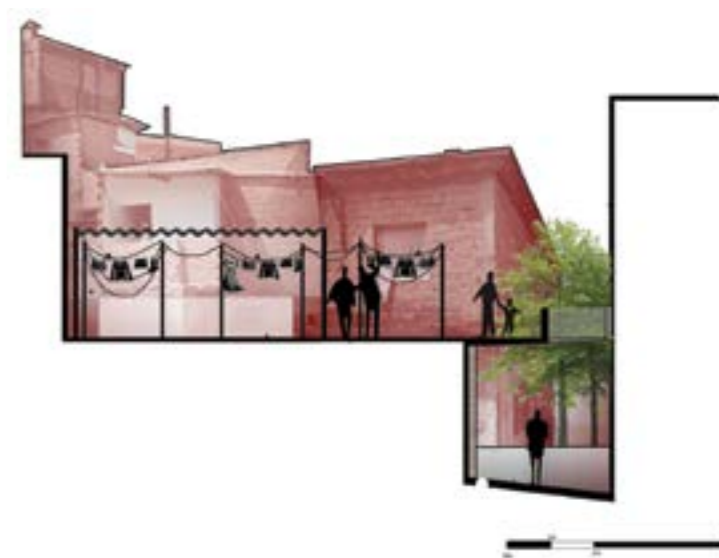
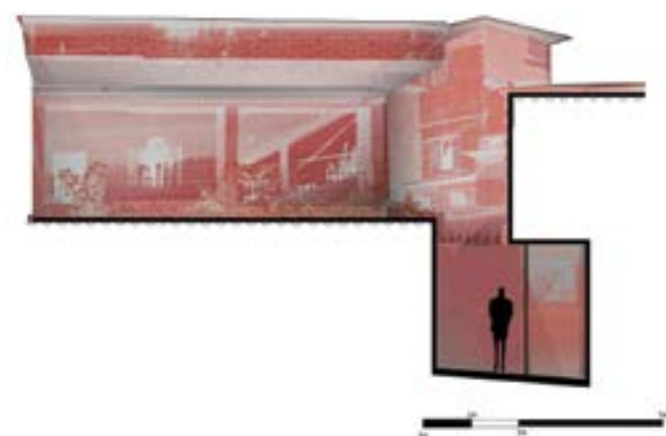
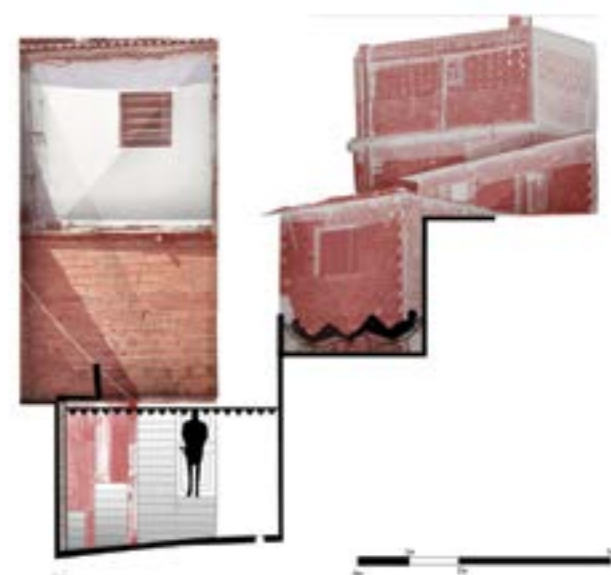
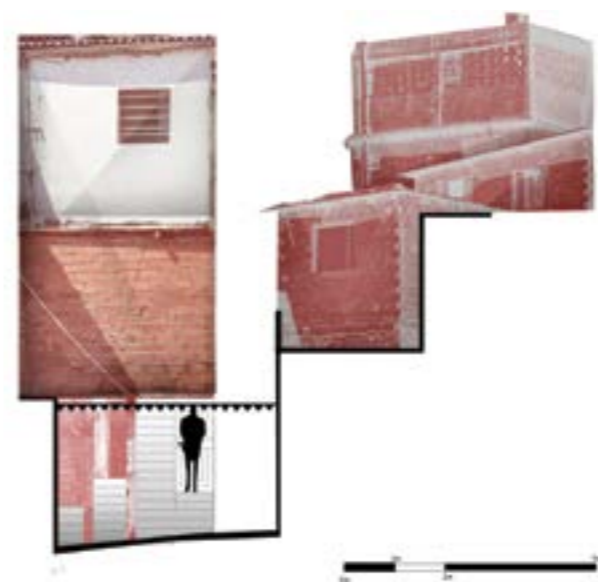
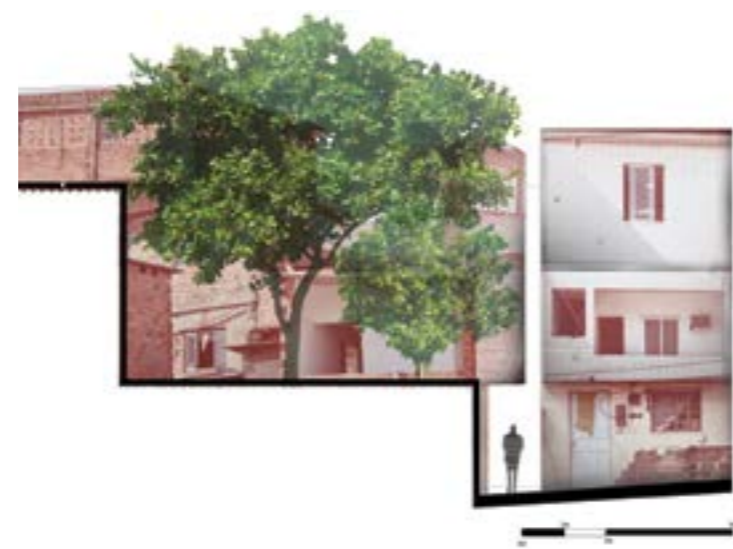


O Projeto final, propoe areas de convivencia para a Viela, criando espaços coletivos de uso especifico suprindo necessidades que os moradores tinham. Em um primeiro momento foi criado diretrizes para o desenvolvimento do trabalho no qual previa o uso das lajes de edificações com apenas um andar, reorganização da parte elétrica e hidraulica e melhoria dos acessos as casas em andares superiores ao terreo.

O grupo cria um novo patamar dentro da viela, no qual, se baseia na ligação através de uma passarela entre as áreas criadas nas lajes das edificações de um andar. Esse novo nivel proposto permite que o espaço de convivio e estar se expanda utilizando apenas a area publica já estabelecida, a Rua. O patamar criado permite o acesso das casas de nivel superior que foram julgadas não coerentes a um acesso adequado. A característica das escadas estudadas nas análises anteriores está presente na passarela proposta, de modo que o acesso continua sendo para fora da casa e tem como principal objetivo ser uma transição do publico para o privado.

O projeto prevê um novo piso para a viela que constroi um sistema hidraulico enterrado e modificações no sistema elétrico, trazendo melhor infra estrutura e conforto ambiental para o local. .





CONCLUSÃO

O processo deste trabalho trouxe à tona a discussão sobre a importância do estudo de campo ampliado como fundamental para projetar a partir da preexistência. Quando se trabalha com cidades informais a preexistência deve servir como uma ferramenta de trabalho, a qual a compreensão vem a partir de uma troca ativa do profissional com os habitantes.

O papel do arquiteto e seus limites de atuação são estabelecidos a partir da aproximação pessoal do profissional com o ambiente a ser trabalhado. Depois de uma análise e o entendimento da necessidade encontrada e dita, o profissional deve trazer seus conhecimentos para a melhoria do lugar de forma que as pessoas que habitam se incluam no projeto a ponto de se identificarem e reagirem a essas melhorias.

A troca de experiências e conhecimentos entre o profissional e os usuários do local, em um trabalho com uma relação direta à preexistência é essencial para a conclusão de um projeto adequado para a área. Cada lugar tem suas particularidades e necessidades, que devem ser ouvidas e respondidas no projeto apresentado.

SCHICCHI, Maria Cristina. Urbanismo: Dossiê São Paulo - Rio de Janeiro. Campinas: PUC-CAMPINAS, 2004.

BENETTI, Pablo César. "Violência e projeto urbano em favelas", Vitruvius - Arquitextos, n048, 2004. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/580>

"A Cidade Informal no Século XXI"
Prefeitura do Município de São Paulo, SEHAB, São Paulo, Superintendência de Habitação Popular, 2010.

GROVES, Laura. "Is There a Role for Preservation Planning in a Favela?" - Master's Theses, M.S., Columbia University, 2015.

BERENSTEIN, Paola. Estética da ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. São Paulo: Projeto, 1980.

LUIS KEHL: UMA BREVE HISTORIA DAS FAVELAS. Baú / Escola da Cidade. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pr-bwi6V4m4>

